

SINAIS, IMAGENS E SÍMBOLOS: A CONSTRUÇÃO DO MITO NA REPÚBLICA BRASILEIRA

ROSELÂINE CASANOVA CORRÊA¹

Resumo

No presente artigo pretendo uma reflexão a respeito da construção da identidade nacional no período republicano, a partir da mitificação de duas figuras históricas – Tiradentes e Carlos Gomes. Essa reflexão demonstra que, através da idealização dos românticos e dos positivistas, foi possível conceber sinais, imagens e símbolos capazes de organizar a mentalidade da sociedade brasileira, manipulando mitos que se introduziram no imaginário coletivo. Os heróis se tornam importantes para a configuração da nova ordem estatal e representam os agentes culturais do ideário republicano erigindo novos paradigmas de brasilidade.

Palavras-chave: identidade nacional, imaginário social, mito, herói.

Abstract

The following article proposes a reflexion about the construction of the National Identity during the Republican Period, considering the mitification of two historical subjects – Tiradentes and Carlos Gomes. This reflexion demonstrates that through the idealization of the romantics and the positivists it was possible to conceive signals, images and symbols which were capable of organizing the mentality of a society, manipulating myths that were introduced in the ideological, historical and political collective imaginary as representative vehicles of social imagination. Within this context heroes have become important for the configuration of the new State order and represent cultural agents of the republican ideation, setting up new Brazilian manneirism paradigms.

Keywords: national identity, social imaginary, myth, hero.

Introdução

O artigo aqui apresentado refere-se a uma reflexão sobre a necessidade da criação de uma figura heróica na construção da identidade nacional no Brasil, onde não há uma identidade coletiva nem um sentimento de nação (durante o século XIX) – conceito que veremos mais tarde –, tal como ocorre com nosso vizinho Uruguai, ainda que em ambos os casos haja a constituição de um Estado². Nesse sentido, pretendo me utilizar de autores como Ana Frega e José Murilo de Carvalho para compreender e fundamentar a afirmativa da construção do mito. Para Murilo de Carvalho, a República foi aceita pela população graças as armas que o regime utilizou, como a palavra escrita e os símbolos cívicos (CARVALHO, 1990). Para pensar nação e nacionalismo e os valores culturais para se entender ambos, me utilizarei em alguns aspectos de Benedict Anderson e Eric J. Hobsbawm e em outros de Ernest Gellner, como ficará claro no desenvolvimento do artigo. Me utilizarei ainda de Antonio Candido para fundamentar a influência dos românticos nessa mesma construção de uma identidade nacional, uma vez que a maioria dos autores utilizados referem-se ao Romantismo como principal fonte para expressar as

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação da PUC/RS – História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

² Segundo Ernest GELLNER (1993, p.15) Estado são as instituições que mantêm a ordem, tanto social e política, quanto econômica.

peculiaridades de um país e a valorização dos aspectos mais individuais da vida afetiva, que na totalidade determinam os valores culturais de uma região ou *pueblo*¹. Os demais autores serão citados no decorrer do texto e constam ao final do trabalho, nas referências bibliográficas.

A utilização de símbolos e imagens para a construção da identidade nacional

No Brasil, a identidade nacional muitas vezes está ligada ao Estado, na medida em que ele se apossa e instrumentaliza os elementos produzidos culturalmente pela nação. Falar em cultura brasileira é referir-se aos tortuosos caminhos políticos do País. Desde a Independência até o início da República, pessoas e instituições ligadas à cultura estão vinculadas ao Estado, apropriando-se e utilizando-se de elementos do imaginário popular. Constrói-se dessa maneira a identidade nacional – que se torna muito mais eficaz – a partir de uma ação do Estado.

Os temas centrais dessa construção do imaginário são a Pátria e a Ordem, como base para o desenvolvimento do imaginário, através do culto de mitos nacionais, da cultuação de símbolos da nacionalidade, da censura de livros, jornais, revistas e do culto à família, sendo estes fundamentais para a compreensão das estratégias do Estado e das instituições que estavam ao seu lado.

O imaginário social está vinculado ao simbólico usando do mesmo para existir, onde se explica a adesão de um sistema de valores e regras que se remetem à estruturação das forças que atuam sobre a vida social.

É também através de imagens que se constroem os acontecimentos, devido a força simbólica que estas imagens possuem no inconsciente individual e no imaginário. Essa construção da identidade nacional e do imaginário coletivo vêm sendo construídos desde a Independência até a Proclamação da República através das figuras de Tiradentes e de Carlos Gomes. No caso de Tiradentes trata-se da apropriação de uma figura considerada *rebelde*

no seu tempo, ou seja, um contestador da dominação portuguesa na colônia, e sua transformação em paradigma de ação. No caso de Carlos Gomes ocorre a heroicização do artista romântico que conquista a glória na Europa. Essa identidade imaginada é construída através do mito político, histórico e sociológico presente em ambos e o próprio imaginário constitui-se de instrumento capaz de produzir representações de ordem social que a elite necessita impor ao povo. Nesse caso, as representações vinham fundamentar através do mito/herói a identidade nacional que interessava às elites.

Tiradentes e Carlos Gomes: a construção do mito heróico

Como já foi explicitado anteriormente, a produção cultural no Brasil está atrelada aos fatores políticos, mas também ao desenvolvimento do capitalismo e aos valores culturais vindos de fora do País. Como somos uma formação social que nasce na periferia da Europa e, mesmo com a independência política, não rompemos com os vínculos externos, nossa vida cultural também se orienta pelas potências Ocidentais:

(...) o pensamento de nossa intelectualidade oscila no que diz respeito a estas questões. Assim, em certos momentos nossa cultura é extremamente desvalorizada por nossas elites, tomando-se em seu lugar a cultura européia (ou mais recentemente a norte-americana) como modelo. Como reação, em outros momentos nota-se que certas manifestações da cultura brasileira passam a ser extremamente valorizadas, exaltando-se nossos símbolos nacionais (OLIVEN, 1992, p. 32).

Para Júlia Falivene ALVES, fazemos parte de um país que possui uma característica ímpar na valorização do que vem de fora, portanto somos "vazios de lembranças, carentes de passado, culturalmente marginalizados até mesmo em relação ao nosso próprio tempo" (1988, p. 7). Essa afirmação merece ser considerada na medida em que percebemos que os mitos, os símbolos e os heróis na cultura brasileira são construídos a partir dos interesses de uma elite dominante. Porém, da mesma maneira que são construídos, tais mitos/símbolos/heróis são

¹ Para Maria Medianeira PADOIN (2001, p. 52) *pueblo* equivale a vila ou cidade e poderá se tornar território soberano e independente. Por possuir esse mesmo entendimento da expressão referida, utilizei-a aqui.

esquecidos quando essa mesma elite passa a considerá-los desnecessários. Portanto, nosso passado obedece aos interesses do momento. Na questão sobre a construção do herói, referidos interesses obedecem a necessidade de legitimar regimes, nem sempre de forma coerente. Tiradentes é o exemplo vivo dessa afirmação: a República cria o mito do rebelde republicano que entrega a própria vida na luta contra o sistema de dominação português no Brasil Colônia. No entanto, essa transformação de Tiradentes em mártir possui uma base real na medida em que ele realmente foi sacrificado pela sua infidelidade em relação ao Rei de Portugal. Seu gesto prestou-se para mitificações tanto no campo da direita quanto da esquerda ao longo da história republicana. Para José Murillo de CARVALHO, "...a República precisava eliminar as arestas, conciliar-se com o passado monarquista, incorporar distintas vertentes do republicanismo" (1990, p. 69-70). Dessa forma é que se dá a glorificação de Tiradentes. O nosso passado é alvo de um processo de recriação e não de uma apreensão mais verdadeira do que realmente aconteceu. Através de Tiradentes, o passado colonial é mostrado como um sistema de opressão do qual despontaram homens valorosos, guiados por ideais que só se concretizaram em 1889. Um passado comum dentro de um território fortalece/cria sentimentos de nacionalidade e embasa a construção do Estado e seus heróis:

Este abordage del pasado en clave de nación tendía a circunscribir su reflexión al espacio que luego sería el Estado, así como limitaba los protagonismos a aquellos identificados como hérois fundadores de la nacionalidad (FREIGA, 1995, p.122).

Outra figura curiosa do Brasil Império, mas que acaba servindo à imagem do Brasil República, é Antônio Carlos Gomes (1836-96), compositor brasileiro que nasceu em Campinas (SP), viajou para o Rio de Janeiro onde ingressou no Conservatório de Música e foi enviado pelo Imperador Pedro II para estudar na Itália, onde obteve notoriedade com a ópera *O Guarani*. Em 1895 retornou ao Brasil já muito doente – tinha um câncer na língua – para assumir o Conservatório de Música de Belém do Pará, a convite do então governador do Estado, Lauro

Sodré. A sua volta ao Brasil é acompanhada pela imprensa e começa a construção de um novo mito⁴.

As imagens, os símbolos e os sinais organizam a mentalidade de uma sociedade através das tensões porque perpassam seus atores. Elas explicam a dialética constante entre a imaginação e a concretude presentes nas sociedades reais, ou seja, a idéia abstrata – o pensamento – que se transforma em idéia concreta – a imagem – e, às vezes, alcança a dimensão de mito. Esse movimento dialético permite a construção da identidade que as sociedades tem de si mesmas. Porém, essa construção de uma identidade coletiva está impregnada dos valores da classe dominante. A leitura alegórica dessas imagens e símbolos são construções sociais orientadas por interesses das classes dominantes, que manipulam essas mesmas imagens/símbolos. O mito que se cria é, então, o legitimador das hierarquias sociais.

Os instrumentos que proporcionam a criação do mito e do herói são os veículos de comunicação e a indústria da cultura em si. No caso de Carlos Gomes, o teatro e a música, bem como a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini corroboraram para a panteonização do compositor pela República Positivista:

Quando uma musicalidade gomesiana se instalasse na música e no teatro populares, nas danças de salão e no folclore brasileiros, da memória coletiva sairiam os elementos para essa peculiar apropriação do imaginário do compositor, revelando, dessa forma, os limites atingidos pela própria mitologia gomesiana (COELHO, 1995, p. 28).

Carlos Gomes encarnava os ideais de brasilidade através de obras suas como *O Guarani*, num país que tentava afirmar como identidade nacional a língua e o emprego de temáticas brasileiras no romance – através de José de Alencar – e na música através da ópera nacional. Além do mais, trazia consigo os valores da cultura européia, tão em moda desde a metade do século XIX. Somado a isso, Carlos Gomes retornava da Itália para o Pará, estado que

⁴ Seu sepultamento ganhou honras de homenagem a um Herói da Pátria.

então agregava os grupos sociais beneficiados pela indústria da borracha e pelo comércio internacional e, portanto, consumidores da cultura européia – italiana e francesa – da *belle époque*. Chegara ostentando a imagem do mito de herói nacional que havia sido aclamado na Europa culta do final do século XIX. Doente que voltava a Pátria para terminar seus dias – o herói que vem morrer na terra natal e engrandecê-la (alimentá-la) com seus ossos.

Essa imagem, fortemente difundida na imprensa da época, aproximava o maestro da figura do herói romântico. Morto, o ideário republicano positivista – através da figura do governador Lauro Sodré – tratou de fazer de seus funerais a glorificação do herói, pois “a junção da doutrina comtista com a visão estratégica dos ortodoxos fez desses positivistas os principais manipuladores de símbolos da República.” CARVALHO, 1990, p. 139).

Mesmo sendo já o final do século XIX, a estética da morte ainda era essencialmente romântica, bela, sofrida e de comoção pública. Os funerais de Carlos Gomes não envolveram unicamente as associações culturais e musicais, mas fundamentalmente o Estado, que se apropriou dessa figura romântica para legitimar o ideário positivista através da panteonização do maestro. O sofrimento do compositor era o sofrimento do povo brasileiro, entrando assim o mito gomesiano para a memória coletiva. No entanto, esse imaginário coletivo e inventado, tal como no caso de Tiradentes, foi construído a partir de acontecimentos reais.

Conclusão

O propósito desse artigo foi indicar a construção da identidade nacional na República. Tomei como material a mitificação das figuras históricas de Tiradentes e Carlos Gomes e o modo como eles foram erigidos como paradigmas de brasilidade. Dessa forma, procura-se dizer – como já foi afirmado por autores consagrados – que os heróis são importantes para a configuração do imaginário republicano, aqui através do rebelde e do artista exitoso. Esses dois exemplos de construção mítico de heróis fundadores da nação brasileira – o rebelde republicano que entrega a vida na luta contra a opressão e o artista romântico brasileiro que atravessa o Atlântico e ganha notoriedade na Europa – expressam um pouco da nossa cultura

e civilização. Dois paradigmas de ação que exaltam qualidades e configuram um perfil à nacionalidade.

Nesse sentido, penso que a construção da identidade nacional brasileira através da utilização do herói e do mito na formação positivista da República, além da representação que esses símbolos exerceram sobre o povo, estão presentes tanto nas análises do Romantismo, feitas por Antonio Candido, quanto nas afirmações de Benedict Anderson. Segundo Antonio CANDIDO, “o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos, nem portugueses, davam um sentimento de libertação”, onde os elementos constitutivos de um a nação não deveriam mais estar ligados à mãe-pátria, mas a obras nacionais que contribuía para o progresso, estando a “atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do País, mas tarefa patriótica na construção nacional” (1981, p. 11). De outra forma, afirmava Benedict ANDERSON, “(...) será conveniente iniciar pela morte o exame das raízes culturais do nacionalismo, por ser ela a última de toda uma escala de fatalidades.” (1983, p. 18). Portanto, no mesmo sentido que a figura espartaqueada de Tiradentes, a morte bela de Carlos Gomes foram utilizadas pelos positivistas para construir uma nacionalidade. Outros elementos já expostos aqui também corroboram com as afirmações de Anderson sobre comunidade inventada: o capitalismo editorial (Revista *Ilustrada* e os romances em geral), a língua (literatura nacional do Romantismo), os signos representativos (herói morto), a religião e a arte (o Barroco ligado ao Catolicismo Ocidental).

Conclui-se dessa maneira, que a idéia de nacionalidade brasileira passa pela heroização de figuras que simbolizam as *lutas* nacionais: a do rebelde do período colonial buscando a República e a do artista brasileiro construindo obras de arte nacionais que são reconhecidas na Europa. Essas figuras são personagens reais – comprovadamente existentes – que tem suas trajetórias manipuladas pelas ideologias dominantes, no caso enfocado, o Romantismo e o Positivismo.

Bibliografia

ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderno, 1988.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. *O nacionalismo literário*. In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, p. 9-22.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova: a morte bela de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

FREGA, Ana. La construcción monumental de un Herói. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Porto Alegre, v. 18, n. 1/2, jan./dez. 1995, p. 121-150.

GELLNER, Ernest. *Que é uma nação?* In: HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993. p. 85-98.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

OLIVEN, Ruben George. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. In: *A parte e o todo: a diversidade no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. (Coleção brasileira novos estudos; v.3)

Endereço da autora

Roselaine Casanova Corrêa
Rua Araújo Viana, 545/303
97015-040 – Santa Maria, RS
rosecasanova@uol.com.br